

**IMORTAIS DA ACADEMIA**  
**EPISÓDIO 28 – DOMINAR A LÍNGUA É CONQUISTAR O MUNDO**

**01:00:17:15**

ABERTURA

**01:00:22:40**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,  
Arte e ciência, pensamento e memória,  
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.  
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.  
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,  
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:03:19**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:11:29**

**Domício Proença Filho – Atual ocupante da Cadeira 28**

Antigamente se dizia: “Quem tem a língua, tem o poder”, mas alguns estudiosos acharam que era uma frase muito perigosa, essa frase foi questionada e tal, mas de certa forma o domínio do idioma ele facilita muito a vida. Eu acho que esse é o grande trunfo de quem tem um convívio mais próximo com a língua, você pode tirar partido dela, você pode usá-la com muita consciência, escolhendo cada palavra, tirando partido inclusive dos silêncios, os silêncios são fantásticos na hora de dizer as coisas, a inflexão da frase e, sobretudo o conhecimento do que significa o que está sendo dito. Quanto mais nós dominamos a língua mais nós somos senhores do mundo.

*Domício Proença Filho*

*Posse em 2006*

**01:02:11:27**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 28: Dominar a língua é conquistar o mundo**

**01:02:19:01**

**Domício Proença Filho – Atual ocupante da Cadeira 28**

Eu sempre digo a Academia é uma instituição muito curiosa porque com 10 anos de existência a sociedade brasileira colou nela essa áurea de ser a instituição cultura mais representativa do Brasil. 10 anos, no primeiro decênio de existência essa áurea já estava colada nela, com uma curiosidade, ela passa a ser a guardiã da língua curiosamente porque ninguém vai procurar a faculdade de letras pra saber se tá certo ou tá errado, pra saber se o acordo é bom ou não é bom, a Academia ela é a responsável. Então, eu acho que a grande responsabilidade que nós temos na Academia é manter o brilho da áurea, é não deixar que ela perca esse espaço no imaginário brasileiro que ela teve.

Poeta sempre fui desde os 11 anos de idade, comecei a fazer versos como todo, acho que todo brasileiro com escolarizado, você começa a fazer versos, claro que são versos de circunstâncias, uns versos pra

you use as a seduction tool, in short, confessional verses, almost all and such, but at the moment when I was a specialist in the text of others, to say an explorer of the text of others, because using text both as a professor, as a critic, my material was the text of others, the text of the other. This gave me, and I believe that what happens with all of us who work in the area, gave me a critical rigor about what I was doing in the part of creation very severe. Then, publishing a book of poems for me meant that this text had to be very well elaborated, I started then to write, I already had a series of poems written, I started to do the selection, I started to edit each one of them with a lot of care and finally I resolved, 10 years after the didactic dinner, at the time I went to publish the book.

**01:04:40:06**

**OFF**

The slaveholders brought to the docks of old Bahia bags of rich ladies open with gallantry to the teeth, legs and arms of the blacks and their children and the treasure of El Rey was there. Regarded with the blood of a black man, his homeland was his and the slaves died of hunger and cowardice and the treasure of El Rey was there.

*Fermentação*

*Domício Proença Filho, em Dionísio esfacelado*

**01:05:21:16**

**Domício Proença Filho – Atual ocupante da Cadeira 28**

My children are my best readers and always my best critics, and Flávio who was the cook, had to be 14, 15 years old, I asked him to read, and he told me something fantastic: "Dad, everything is good, I like it, but here are questions about your personality, it's your problem, everything is good, people read, find it interesting and such, but dad you have inside of you...", a 15, 16 year old boy said this to his father... "You have inside of you something much bigger than all this dad, you already thought about writing about Quilombo?", clearly he was already in gym, I said: "Never thought about writing about this", "Dad, take it out of you, your ethnicity, this is a strong thing, it goes deep into the ancestry, it's heavy", and then I said "Heavy is not the case, it's making a poem", and then I got interested sincerely and I paid more attention to the movement of Quilombo dos Palmares, and then it broke, and then it came, I wrote "Dionísio esfacelado - Quilombo dos Palmares" which was an idea, it was a journey of the black man from the moment he arrives as a slave still dominating only his language, and I accompany the saga until the moment when Zumbi on one side of the story is imprisoned and quartered, those things that they did in the era, and on the other side, the mythical hour of him jumping from the mountain of giants, and falling from the story.

**01:07:12:26**

**OFF**

Domício Proença Filho was not the only poet to sit in chair 28. Before him, a name that stood out in Brazilian modernism occupied the vacancy. Menotti del Picchia, with his verses, won a place in ABL and in the history of our literature.

**01:07:35:24**

**Alexander Meirelles – Doutor em Literatura Comparada**

Menotti del Picchia, let's remember that when he was editor of Correio Paulistano, in the final decade of the 10s, beginning of the 20s, he gave space for all this beginning of movement that was

culminar no modernismo, sempre foi um grande divulgador, digo até uma das figuras-chaves, certamente uma das figuras principais do modernismo porque abriu espaço para essas ideias inovadoras, e o que acabou se traduzindo durante a própria semana quando ele foi o orador oficial, por exemplo, no segundo dia em que ele já sabendo antecipadamente que seria alvo de vaias, ainda assim persistiu ao apresentar as ideias e propostas modernistas para a plateia ouriçada em São Paulo.

“Juca Mulato”, de 1917, que como tava, basta a gente lembrar que a semana de arte é de 1922, então o “Juca Mulato” ele antecipa as propostas modernistas, “Juca Mulato” que tem muito da reminiscência do autor da época do interior dele, da cidade de Itabira que ele levou pro poema, “Juca Mulato” que é com certeza um dos poemas mais lidos da história da literatura brasileira, publicado em diversos idiomas, é o poema com certeza mais importante da época de sua publicação e que trata justamente disso, a figura do homem, do homem do campo, essa valorização do caboclo, do homem simples do sertão. Então, é disso que o modernismo queria mostrar, de voltar os olhos pro Brasil, pra cultura nacional. Isso se traduz também nos próprios movimentos abraçados pelo Menotti del Picchia, o Verde-amarelismo e por aí vai.

Menotti del Picchia

Posse em 1943

**01:09:54:26**

**OFF**

E, na noite estival, arrepiadas, as plantas tinham na negra fronde umas roucas gargantas bradando, sob o luar opalino, de chofre: “Sofre, Juca Mulato, é tua sina, sofre... Fechar ao mal de amor nossa alma adormecida é dormir sem sonhar, é viver sem ter vida... Ter, a um sonho de amor, o coração sujeito é o mesmo que cravar uma faca no peito. Esta vida é um punhal com dois gumes fatais: não amar é sofrer; amar é sofrer mais”!

*Juca Mulato*

*Menotti del Picchia*

**01:10:49:04**

**Alexander Meirelles – Doutor em Literatura Comparada**

Eu gostaria de destacar “A República 3000”, de 1930 porque é o que a gente chamaria hoje de uma literatura de distopia, que tem tanto apelo hoje em filmes como “Jogos Vorazes”, “Maze Runner”, “Matrix”, dentre outros, e a gente vê como no “A República 3000” o Menotti del Picchia, assim como outros autores da sua época como o próprio Monteiro Lobato com “O Presidente Negro”, ele leva pras letras a proposta de nação dele, é o momento em que realmente os acadêmicos discutiam a constituição do povo brasileiro, o que fazer para o Brasil desenvolver o seu potencial e muitas vezes a ideologia da época apontava que era o povo, a constituição do povo. Então, assim, é interessante observar isso como o autor de “Juca Mulato” também escreve obras como o “A República 3000” em que você percebe elementos do que a gente chama hoje de pensamento eugenista, ou seja, essa questão da valorização da purificação da raça, o controle populacional, esse é o momento que tá permitindo a chegada de imigrantes no Brasil. Então, de que forma o imigrante vem de certa forma limpar a nossa raça, a raça brasileira. Então, havia todo esse discurso que é um país majoritariamente miscigenado e você torna possível a entrada de imigrantes para um projeto de purificação do povo brasileiro. Então, é

algo que hoje em dia choça, mas que estava plenamente de acordo com a época.

**01:12:38:21 – VINHETA**

**Estamos apresentando Imortais da Academia**

**01:12:56:23 – VINHETA**

**Voltamos apresentar Imortais da Academia**

**01:13:06:17**

**OFF**

O Paraense Inglês de Sousa foi o primeiro a ocupar a cadeira 28. O fundador, que impregnou suas páginas com a densidade da vida amazônica, é considerado, por parte da crítica, o precursor do naturalismo no Brasil.

**01:13:26:00**

**Domício Proença Filho – Atual ocupante da Cadeira 28**

O Inglês de Sousa é um autor de dois livros marcos numa nova maneira de fazer literatura no Brasil, que é “O Missionário” que ele escreve, e “O Coronel Sangrado” também, são os dois romances marco, principalmente “O Missionário” são romance marco do que a gente vai chamar didaticamente de realismo naturalismo no Brasil, quer dizer, um tipo de literatura que parte da observação e da análise da realidade, quer dizer, o livro se faz de uma imagem da realidade.

Inglês de Sousa

Fundador da Cadeira 28

**01:14:10:17**

**André Dias – Professor de Literatura Brasileira**

É um caso, um caso muito típico na literatura brasileira de um sujeito que vai dar voz, aí a gente já tá pensando final do século XIX, os últimos 20 anos do século XIX no momento em que o Inglês de Sousa vai ter, vamos dizer assim, os seus dias de glória como intelectual e como escritor, mas é muito importante perceber que ele é um outro caso de um sujeito que está fora do eixo Rio-São Paulo, ele é um sujeito que vem do Pará, mas também de uma família abastarda, uma família de desembargadores, uma família muito abastarda que lhe dá condições de sair do Pará pra fazer seus estudos primeiro no Maranhão, depois ele troca, tem passagens pelo Rio, por São Paulo, então, é preciso perceber que esse conjunto de atividades desenvolvida pelo Inglês de Sousa vão também ser o conjunto de atividades que vão formar a trajetória intelectual e artística do Inglês de Sousa e no caso dele, ele apesar de se fazer a sua trajetória artística especialmente toda fora do Pará, o Pará jamais sairá dele, a região norte do Brasil jamais sairá dele, porque ele na sua obra vai sempre trazer os elementos da região amazônica de forma muito presente, como é o caso da sua grande obra, da sua obra mais importante que é “O Missionário”.

**01:15:38:29**

**OFF**

“Eram monótonos os dias no sítio do furo da Sapucaia. Padre Antônio de Moraes acordava ao romper d'alva, quando os japins, no alto da mangueira do terreiro, começavam a executar a ópera-cômica

cotidiana, imitando o canto dos outros pássaros e o assovio dos macacos. Erguia-se molemente da macia rede de alvíssimo linho, a que fora outrora do Padre-Santo João da Mata - espreguiçava-se, desarticulava as mandíbulas em lânguidos bocejos, e depois de respirar por algum tempo no copiar a brisa matutina, caminhava para o porto, onde não tardava a chegar a Clarinha, de cabelos soltos e olhos pisados, vestindo uma simples saia de velha chita desmaiada e um cabeção de canículo enxovalhado.”

*O missionário*  
*Inglês de Sousa*

**01:16:45:14**

**André Dias – Professor de Literatura Brasileira**

O cânone literário ele leva muito tempo para ser formado e muito tempo também pra ter uma mobilidade, o fato que se a gente pensa o momento em que o Inglês de Sousa produz a sua obra, ele tem uma visibilidade muito grande, não por acaso a crítica da época consolidou a figura do Inglês de Sousa como aquele que inaugura o naturalismo no Brasil, já que a gente está falando de marcos, entretanto, se você olhar para os últimos, para ser assim muito mais próximo de nós, nos últimos trinta anos há poucos trabalhos acadêmicos desenvolvidos em torno da obra do Inglês de Sousa. Da mesma forma você vê um trabalho nas escolas de ensino médio, onde o ensino de literatura é obrigatório, você vê poucos professores trabalhando com a obra do Inglês de Sousa, isso não significa que a obra dele seja menos importante por isso, significa que as escolhas que vão movimentando, que vão ora fazerem um determinado autor estar em destaque, estar figurando como um dos autores mais lidos, há uma movimentação e essa movimentação é dada pela crítica, é dado pelos leitores, é dado pelos professores em sala de aula porque a literatura é uma entidade viva, se o escritor é um indivíduo que cria a obra, o leitor é aquele que dá o espírito de vida a ela, porque sem o leitor a obra será apenas um monte de papel junto com uma cartolina impressa, ou seja, ela não será um livro. Um livro ele só é um livro quando ele é lido, então essa presença e esse afastamento de determinados escritores da cena literária ao longo da formação da literatura brasileira, ela se dá muito em função da circulação da sua obra. Se do ponto de vista estético, essa visão naturalista é uma visão que tem o seu lugar na história da literatura brasileira universal, tem um dado ali que é fundamental é ver como humano é contraditório e não importa se esse humano é humano que está no Amazonas, no Cariri, em Bangu ou em Nova Iorque. O Homem é o homem, o ser humano é o ser humano em qualquer lugar, então, vale pela experiência, a carga dramática da trajetória humana. Então, essa é a razão fundamental para indicar o Inglês de Sousa hoje.

**01:19:15:17**

**OFF**

Inglês de Sousa escolheu, para patrono da cadeira 28, Manoel Antônio de Almeida. O Jornalista foi autor de um único romance: Um exemplar do romantismo com traços realistas que lhe alçou à imortalidade.

**01:19:37:29**

**Alexander Meirelles – Doutor em Literatura Comparada**

Manoel Antônio de Almeida é o típico autor cuja obra, uma obra apenas já fez o nome dele pra posteridade e cabe destacar, com merecimento. É uma obra que dá gosto de você trabalhar essa obra porque ela serve para mostrar aos alunos, por exemplo, de que a literatura não é uma coisa estanque,

ela não é uma coisa fixa, todos os autores de um período escrevem de forma semelhante, não. Você sempre tem o ir e vir de tendência e inovações, no caso aí do “Memórias de um sargento de milícias” ele tem uma multiplicidade de leitores que acabou, já na época dele, criando dificuldade de como considerar esse romance, ele é um romance picaresco, ou seja, ele se ancora na tradição do romance pícaro do século XV, XVI espanhol, ele é um romance realista, ou ele é um romance romântico de fato, porque vamos lembrar é um romance de 1853 dentro do romantismo, mas ele antecipa questões que só viriam a tona durante o realismo, então, essa dificuldade é muito grande pra situar a obra de “Memórias de um sargento de milícias”.

**01:21:01:28**

**OFF**

“Como sempre acontece a quem tem muito onde escolher, o pequeno, a quem o padrinho queria fazer clérigo mandando-o a Coimbra, a quem a madrinha queria fazer artista metendo-o na Conceição, a quem D. Maria queria fazer rábula arranjando-o em algum cartório, e a quem enfim cada conhecido ou amigo queria dar um destino que julgava mais conveniente às inclinações que nele descobria, o pequeno, dizemos, tendo tantas coisas boas, escolheu a pior possível: nem foi para Coimbra, nem para a Conceição, nem para cartório algum; não fez nenhuma destas coisas, nem também outra qualquer: constituiu-se um completo vadio, vadiomestre, vadio-tipo.”

*Memórias de um sargento de milícias*

*Manuel Antônio de Almeida*

**01:22:05:18**

**Alexander Meirelles – Doutor em Literatura Comparada**

Coincidência ou não, na época que ele já era o próprio autor, órfão aos 10 anos, pobre, e aí com muito esforço conseguiu os estudos, também entrou na faculdade de medicina, conseguiu ser diretor do Tipografo no Rio de Janeiro, na época também ajudou Machado de Assis, Machado de Assis estava começando a carreira, era um jovem tipografo no seu meio. E poderia ter ido mais longe, talvez ter escrito mais obras, mas aí quis ser político e aí numa campanha indo para uma outra região no Rio de Janeiro acabou perecendo quando o barco a vapor dele, o Hermes, naufragou na baía de Guanabara.

Manuel Antônio de Almeida

Patrono da Cadeira 28

**01:23:01:16**

**OFF**

Manuel Antônio de Almeida não soube em vida que seu nome seria imortalizado na cadeira 28. Como a todo patrono da ABL, a honraria lhe foi dada postumamente. Já os acadêmicos eleitos testemunham o reconhecimento de seus feitos literários. Em todo caso, não há dúvida de que a imortalidade a ninguém pertence. Por ser da esfera do inefável, só pode ser da literatura.

**01:23:39:18**

**Domício Proença Filho – Atual ocupante da Cadeira 28**

Imortais, quê que é imortalidade, não vou dizer como Olavo Bilac, Olavo Bilac no tempo que não havia o

mausoléu, o mausoléu não existia, mausoléu da Academia, perguntaram a ele: “ Poeta, o que é ser imortal? Imortal é ter onde não cair morto”, não, a gente tem onde cair morto que é o mausoléu, mas não é por ai não, mas o grande elemento que garante a sua imortalidade é você ter feito na vida, ser capaz de na vida ser responsável por feitos, por coisas que você fez, e de que os pósteros dirão alguma coisa, falarão sobre o que você fez, escreverão sobre o que você fez. Então, eu acho que esse é o sentido que eu vejo da imortalidade que no imaginário nacional, no imaginário brasileiro, ele se reveste dessa aurea que a Academia sem que ela quisesse, ela adquiriu e faz a marca dela.

#### **01:24:47:02 - VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 28:

Patrono – Manuel Antônio de Almeida

Fundador – Inglês de Sousa

Xavier Marques

Menotti del Picchia

Oscar Dias Corrêa

Atual – Domício Proença Filho